



MEIO AMBIENTE EM TELEJORNAIS REGIONAIS: PERCEPÇÃO E PRODUÇÃO DE SENTIDO POR INTEGRANTES DO PROGRAMA DE HORTA COMUNITÁRIA DE BOTUCATU

Adriana M. Donini¹

RESUMO: Este trabalho aborda a recepção de integrantes do Programa de Horta Comunitária de Botucatu em relação a reportagens sobre meio ambiente veiculadas pelos programas *Balanço Geral*, pertencente à Record Paulista, e *TEM Notícias 1ª edição*, exibido pela TV TEM, afiliada da Rede Globo. Identificamos a interpretação dos participantes sobre reportagens que eles assistiram, possíveis aplicações dos conteúdos no cotidiano desses trabalhadores, também as mediações que preponderam no processo, as negociações estabelecidas na produção de sentido e os assuntos que mais despertaram a atenção deles. Para tal, utilizamos como referencial teórico os estudos de recepção latino-americanos, tendo por base, principalmente, conceitos de Jesús Martín-Barbero e Guillermo Orozco Gómez, além de serem utilizados o método pesquisa participante e a técnica de grupo focal.

PALAVRAS-CHAVE: *Recepção; Televisão; Meio Ambiente; Horta Comunitária.*

¹ Jornalista e Mestranda em Comunicação pela UNESP. E-mail: dridonini@yahoo.com.br

Introdução

Segundo dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 93% dos domicílios brasileiros contam com pelo menos um aparelho de televisão. Essa preferência também se manifesta entre integrantes do Programa de Horta Comunitária de Botucatu, de acordo com questionário aplicado a quatro grupos.

As interpretações dos receptores em relação aos conteúdos que assistem podem ser influenciadas por fatores como aspectos culturais e sociais. O público em alguns momentos também pode negociar os sentidos do que é veiculado pela mídia.

Em Botucatu, município localizado no interior do Estado de São Paulo, existe Programa de Horta Comunitária que consiste em um projeto da Subsecretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento, que oferece insumos e cursos de capacitação aos participantes, e conta com o apoio da Secretaria Municipal de Assistência Social. Esse programa é destinado a moradores dos bairros periféricos da cidade e visa à geração de renda e fornecimento de alimentos saudáveis e de baixo custo para a comunidade.

Baseado nos conteúdos expostos acima, o presente trabalho aborda a recepção de temas ambientais veiculados por programas jornalísticos televisivos que foram exibidos a três grupos que integram o Programa de Horta Comunitária de Botucatu.

2

Meios de comunicação e estudos de audiência

Apesar de os estudos de audiência ganharem maior destaque na área de Comunicação a partir da década de 1980, nos anos 1930 já havia preocupação em compreender como o público recebia as mensagens veiculadas pela mídia.

Para Lopes (1999) existe certo consenso entre os autores em reconhecer nos estudos que associam meios de comunicação e audiência as seguintes correntes: *pesquisa dos efeitos; usos e gratificações; estudos de crítica literária; estudos culturais; e estudos de recepção*. Além dessas classificações expostas anteriormente, também consideramos que a teoria denominada *Two-Step Flow of Communication* ou *Duplo Fluxo de Comunicação* e a hipótese *Agenda Setting* integram a relação mídia e receptor.

No presente trabalho, adotamos os estudos de recepção latino-americanos. Esse referencial teórico é identificado por muitos pesquisadores como uma evolução dos *cultural studies*. Os estudos de recepção na América Latina começaram a se desenvolver na década de 1980, período em que as teorias produzidas no campo da

Comunicação passam a ser alvo de críticas. Até então predominava nas pesquisas a denúncia à supremacia dos meios e ao imperialismo norte-americano e a visão de que o receptor era passivo e não conseguia ter uma posição crítica diante das mensagens midiáticas a que era exposto.

Os estudos de recepção latino-americanos foram desenvolvidos inicialmente por Jesús Martín-Barbero, pesquisador que desloca as análises da centralidade dos meios para as mediações, que começam a ter papel fundamental no processo de recepção.

Assim, é considerado que existe uma interrelação entre produção e recepção e também que o processo comunicacional deve ser analisado de forma mais ampla, o que o filósofo espanhol denomina de “análise integral do consumo” e que pode ser entendido como o conjunto dos processos sociais de apropriação dos produtos.

Martín-Barbero acredita que as pessoas reinterpretem o que lêem, ouvem ou vêem tendo por base repertórios próprios os quais são influenciados pelo bairro em que elas moram, pela escola que frequentam, local de trabalho, associações das quais fazem parte, religião, ou seja, que há interferência de diversos fatores sociais, culturais, políticos, no processo comunicacional, ou seja, de mediações.

Para ele, através das mediações é possível entender, fundamentalmente, a interação entre produção e recepção ou entre as lógicas do sistema produtivo e dos usos, portanto o que se produz nos meios não responde unicamente ao sistema industrial e à lógica comercial, mas, também, a demandas dos receptores, ressemantizadas pelo discurso hegemônico. (2001, p. 101)

Inicialmente, Martín-Barbero propõe três tipos de mediações em relação à recepção televisiva: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. O autor explica que a cotidianidade não se limita ao âmbito da recepção, mas que as marcas relativas à família estão no próprio discurso da TV e se manifestam de duas maneiras: por meio da simulação de contato e do emprego da linguagem coloquial. Isso equivale a dizer que, para adentrar ao espaço familiar, o personagem, que no caso de telejornais seria o apresentador (interlocutor), vale-se de uma linguagem que o aproxima do público, utilizando termos simples, clareza e economia de palavras.

Como temporalidade social, o autor entende o tempo cotidiano, das culturas populares, e não o tempo produtivo. Segundo ele, cada programa ou texto televisivo remete seu sentido no encontro de gêneros e tempos. A competência cultural equivale

não apenas ao conhecimento adquirido pelo indivíduo na educação formal, mas também à cultura étnica, de bairros e regiões.

Em 1990, Martín-Barbero identifica também as mediações sociabilidade, ritualidade e tecnicidade. No prefácio da 2ª edição do livro *Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia*, publicado, em 2003, pela Editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), o estudioso apresenta um novo mapa referente às mediações, levando em consideração as relações entre comunicação, cultura e política. Assim, segundo ele, há uma passagem dos meios das mediações culturais da comunicação para as mediações culturais da cultura.

O autor entende socialidade ou sociabilidade como algo que é gerado nas tramas das relações cotidianas, como uma espécie de ancoragem do que ele denomina de práxis comunicativa e que, para Martín-Barbero, resultaria dos usos e modos coletivos da comunicação. Na opinião dele, observada sob essa ótica, a Comunicação se revela como constituição de sentido e construção e desconstrução da sociedade. Dessa forma, haveria uma apropriação cotidiana além das instituições, que consegue se sobressair em meio à hegemonia.

Já institucionalidade é apresentada por Martín-Barbero (ibid., p. 17) como: “uma mediação de interesses e poderes contrapostos, que tem afetado e continua afetando, especialmente a regulação dos discursos que, da parte do Estado, buscam dar estabilidade à ordem constituída e, da parte dos cidadãos – maiorias e minorias, buscam defender seus direitos e fazer-se reconhecer, isto é, reconstituir-se permanentemente o social”.

As ritualidades, por sua vez, mediarão os *Formatos Industriais* e as Competências de Recepção (CR), figurando como um nexó simbólico que sustenta o processo de comunicação. A sua relação com os FI regularia a interação entre os espaços e tempos da vida cotidiana e os espaços e tempos dos meios. Já a partir das CR, as ritualidades remetem aos diferentes usos sociais dos meios e às diversas trajetórias de leitura, que variam de acordo com gosto, nível de escolaridade, classe social, etc.

Sobre a tecnicidade, o estudioso salienta que esse tipo de mediação não deve ser pensado apenas do ponto de vista de produção e nem ser restringido a aparatos: “Confundir a comunicação com as técnicas, os meios, resulta tão deformador como

pensar que eles sejam exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 18)

Já Orozco (1996, p. 74) expõe o seguinte ponto de vista sobre as mediações: “Por mediaciones en la televidencia entiendo <<instancias estructurantes de la interacción de los miembros de la audiencia, que configuran particularmente la negociación que realizan con las mensajes e influyen en los resultados del proceso>>”.

Orozco desenvolve o modelo de enfoque integral ou das múltiplas mediações. Na obra *Televisión y Audiências: un enfoque cualitativo*, de 1996, ele divide as mediações em quatro grupos: individual; situacional; institucional; e videotecnológica.

Quanto a essa classificação, a individual é a que parte do sujeito, enquanto indivíduo ou sujeito social, pertencente a uma cultura. Ela é subdividida em cognitiva, conjunto de fatores que influem na aquisição de conhecimentos como valores, crenças, informações e emoções; e estrutural que envolve gênero, religião, nível de escolaridade, idade e etnia.

Já a situacional está relacionada à situação da interação e vai além do simples contato com a televisão. A institucional está associada às instituições as quais o receptor pertence como escola, igreja, empresa, partido político, família. Já a videotecnológica se refere às características próprias do meio televisivo como a programação, o gênero e a publicidade.

Pode se ressaltar ainda em relação às pesquisas de recepção que, atualmente, a literatura produzida nessa área reconhece os contratos entre receptores e mídia, isto é, que o público tem o poder de negociar os significados simbólicos veiculados pelos meios. A respeito desses contratos, Lopes (2003, p. 179) afirma que:

É possível vê-los como fenômenos de cultura, isto é, os acordos prévios que representam relacionam-se ao conjunto de crenças dominantes em determinado contexto. Também é possível compreendê-los como fenômenos sociais, isso significa que fazem parte dos pactos sociais celebrados dentro e fora dos grupos em que se subdividem as classes.

Pesquisa participante

Segundo Peruzzo (2005), foi na década de 1980 e início de 1990 que a pesquisa participante (PP), ganhou destaque nos estudos de comunicação brasileiros, por

influência de trabalhos que utilizaram essa metodologia nas áreas de sociologia e educação.

Em nosso estudo, consideramos a PP no sentido atribuído por Michel Thiollent (1991). Para esse autor, na PP os pesquisadores possuem certa participação junto aos pesquisados a fim de se facilitar a obtenção de informações e maior interação, conforme explica: “Os pesquisadores são levados a compartilhar, pelo menos superficialmente, os papéis e hábitos dos grupos observados para estarem em condição de observar fatos, situações e comportamentos que seriam alterados na presença de estranhos”. (1987, p. 83).

Nesse trabalho, foram realizadas algumas visitas às hortas comunitárias, estabelecidos diálogos para compreender o cotidiano dos trabalhadores desses locais, também para que eles conhecessem melhor os objetivos do trabalho e, com isso, de certa forma, incentivar a participação dos mesmos.

Grupo focal

Para procurar compreender a percepção dos integrantes do Programa de Horta Comunitária que integram esta pesquisa em relação às reportagens televisivas sobre meio ambiente que foram veiculadas, optou-se pelo grupo focal.

Sobre essa técnica, Gatti (2005, p. 11) expõe que:

O trabalho com grupos focais permite compreender processos de construção da realidade por determinados grupos sociais, compreender práticas cotidianas, ações e reações a fatos e eventos, comportamentos e atitudes, constituindo-se uma técnica importante para o reconhecimento das representações, percepções, crenças, hábitos, valores, restrições, preconceitos, linguagens e simbologias prevalentes no trato de uma dada questão por pessoas que partilham alguns traços em comum, relevantes para o estudo do problema visado.

O grupo focal é composto por um moderador, que é quem conduz os trabalhos, atuando como facilitador. Atores que abordam esse tema ressaltam a necessidade de o moderador não interferir de forma que as respostas dos entrevistados sejam direcionadas, deixar claro que não há certo ou errado e que ele apenas está intermediando as discussões. Também que deve haver uma interação entre o grupo e os participantes não apenas responderem ao moderador.

Ainda integra essa atividade o documentador, denominação dada por Costa (2005) ou relator, conforme menciona Gatti (ibid.). Essa pessoa é responsável por observar e realizar anotações sobre aspectos verbais e não verbais. A gravação em áudio e vídeo é recomendada para que se obtenha maior fidelidade das falas, porém é necessário perceber se a utilização desses recursos não inibirá os participantes. Nesse estudo, foi realizada gravação em áudio e vídeo.

As questões que nortearam as discussões foram as seguintes: “*Das reportagens que assistimos, quais mais despertaram a atenção de vocês*”; “*E em relação à clareza dos conteúdos apresentados, a linguagem utilizada? Vocês acharam fácil de entender? Teve algum trecho que não ficou claro*”; “*Desses conteúdos, quais vocês acreditam que seja possível aplicar no cotidiano*”; “*Aquisição de novos conhecimentos por meio das reportagens*”; “*Sugestões*”.

Descrição dos programas e reportagens selecionadas

Para a seleção das reportagens, gravadas no período 1º e 10 de janeiro de 2010, considerou-se a visão dos participantes sobre o tema meio ambiente após aplicação de questionário, a tentativa de estabelecer pluralidade de assuntos em cada canal e conteúdos que se repetiram em diferentes emissoras.

Descrição dos programas e temas abordados nas reportagens gravadas:

Balanço Geral - Programa pertencente à Record Paulista, vai ao ar de segunda à sexta-feira, das 12h às 13h.

Temas das reportagens: envenenamento de gatos em Botucatu; assinatura de contrato para remoção de amianto no município de Avaré; estragos causados pela chuva na cidade de Jaú; apreensão de pássaros em Sorocaba; e raio que atingiu trabalhadores rurais em Monte Alto, região de Sorocaba.

Tem Notícias 1ª edição - Veiculado pela TV TEM, afiliada da Rede Globo, e que abrange a região do município de Bauru, o que inclui Botucatu. Esse telejornal vai ao ar de segunda a sábado, às 12h10.

Temas das reportagens: doação de óleo à APAE que vende a empresas de re-refino; chuvas em Duartina, Bofete e Botucatu; maus tratos a galos utilizados em rinhas; lista de municípios que receberam certificado verde e azul do Governo do Estado de São Paulo; jacaré capturado em Botucatu, e tamanduá encontrado em residência de São Manuel.

Percepção e produção de sentido por integrantes do Programa de Horta Comunitária de Botucatu

Horta da Vila Ema

No caso da Vila Ema, o grupo focal contou com quatro participantes, sendo dois casais. Quanto ao programa *Balanço Geral*, 1 e 4 comentaram que foi a reportagem sobre o envenenamento de gatos que despertou mais a atenção deles. Já 4 fala sobre vizinho que era proprietário de um gato e teve problemas: “O gato dele (conhecido do participante) ia na casa do outro, ficou com raiva... com tiro de chumbo, de espingarda, matou o gato”. Nessas falas se evidenciam as mediações cotidianidade e socialidade.

Já 2 destacou a reportagem que enfocou chuva em Jaú e disse que os moradores têm culpa do problema: “Foi a parte que tem a sujeira. Dá pra ver que a maioria dos lugares onde dá enchente, é culpa deles mesmo. Tá cheio de sujeira. Eles mesmo que estão enchendo de lixo”.

Esse discurso demonstra certa concordância com um dos entrevistados na reportagem, ou seja, percebe-se a mediação denominada por Martín-Barbero de tecnológica e da classificada por Orozco como videotecnológica, tendo em vista que o Diretor do Serviço de Água e Esgoto de Jaú (Saemja) atribui a culpa pela enchente ao descarte inadequado de lixo pela população.

O 3 destacou a reportagem sobre amianto e disse, ainda, que a mesma não foi divulgada em outros meios de comunicação. Também falou que não conhecia esse assunto: “Interessante foi aquela de lixo tóxico. Isso não foi divulgado em jornal nenhum. Só tem duas regiões que têm amianto. Em duas cidades do país tem só, e é uma coisa interessante de tá pensando porque não foi divulgado. Eu nem imaginava que tinha esse problema nessa região”.

Ainda no início das discussões desse bloco, 3 mencionou que o jornal apresenta reportagens mais próximas deles: “(...) Porque você vê na Globo se eles vão dar notícia de matança de gato? (...) Então o que deu pra perceber que eles dão um pouquinho mais de atenção, não corre atrás de notícia de fora ou internacional, é mais local, da região deles mesmo. Você passa a ver problemas do próprio município”.

Em relação à clareza dos conteúdos, 3 comenta o seguinte quando é feita essa pergunta: “A linguagem é bem expressiva, né? Até a pessoa mais simples consegue entender o que tá tentando passar”. E 4 disse que entendeu melhor a reportagem que enfocou as enchentes.

Quando são estimulados a falar sobre a aquisição de novos conhecimentos por meio das reportagens, 3 justifica que não as havia assistido porque o horário de trabalho não possibilita acompanhar esse programa. “Não é que estamos desfazendo, mas, para nosso grupo, que trabalha nesse sistema, não dá para assistir. Eu não conhecia nenhuma dessas reportagens, mas não é que eu não tenho acesso a isso”. Ao expor esse assunto, ele explica a rotina de trabalho, revela que os integrantes do grupo não costumam almoçar em suas casas e por isso não têm o hábito de acompanhar essa produção. Assim, se faz em presentes as mediações ritualidade e institucionalidade.

E 3 ainda faz o seguinte questionamento ao 4: “Na questão do gato, se o senhor ver isso, o que o senhor vai fazer?” E 4 responde que: “vou avisar a polícia”. Nesses diálogos, fica evidente a mediação situacional. Acreditamos, inclusive, que o fato de assistirem às reportagens no local de trabalho e junto com outros colegas já tenha interferido na recepção. Quanto à aplicabilidade no cotidiano do que foi apresentado, 3 afirma que:

Trabalhando em cima do meio ambiente, nós temos vários temas: desmatamento, lixo, coleta seletiva e alimentação mais saudável. O que vai servir para nós disso daí que nós vimos nas reportagens seria a questão do lixo e do material tóxico. Seria o que tem mais acessível. A questão do veneno você não tem como controlar isso, não tem. Acho que quanto mais ilegal, mais a pessoa corre atrás, você já percebeu isso, né? Tudo que é ilegal, fica atrativo. É gente sem consciência que passa a fazer essas coisas. Não tem, vamos dizer, amor a Deus. Vamos colocar assim, né?

Nesse trecho acima, notamos as mediações denominadas por Martín-Barbero de competência cultural e institucional e a mediação individual cognitiva, presente no modelo de Orozco.

Ainda sobre sugestões em relação às reportagens veiculadas neste bloco, 3 diz achar importante que haja maior divulgação de temas ambientais:

Teria que ser falado mais sobre a questão do meio ambiente, teria que falar todo dia, colocar na cabeça do povo que, se ele tiver um ambiente conservado, ele vai viver melhor ... num jornal, em um programa. Porque mídia hoje faz a cabeça de todo mundo,

não é dizer não, mas é isso mesmo. Teria que ser diariamente para abrir a cabeça da pessoa e colocar lá dentro.

Dessa maneira, identificamos mais uma vez a mediação que Martín-Barbero denomina de tecnicidade e que Orozco classifica como videotecnológica. Ainda notamos a mediação institucional.

No caso do *Tem Notícias*, o participante 2 fez o seguinte comentário: “É tudo questão de meio ambiente. Fato de muita chuva, já é o fato do meio ambiente. Aqui do nosso lado já tem um exemplo: tem um enorme buraco ali no rio. Mudaram a curva do rio, ele passava era aqui, aí jogaram ele pra lá, por causa da enchente. Ele só tá tomando o lugar que já era dele, né?”. Nesse trecho percebemos que houve uma negociação de sentidos quando o conteúdo apresentado é associado à realidade da participante e também certa criatividade. Quanto às mediações identificamos a cotidianidade e a socialidade. No modelo proposto por Orozco, nota-se a mediação que ele denomina de cognitiva.

Em relação à clareza, 2 fala que em uma reportagem não ficou bem elucidado o assunto: “mostrou que estão reciclando o óleo, mas não passou explicação, têm pessoas que já faz um trabalho e depois da coleta fazem o sabão”. Sobre a aplicabilidade, 1 e 4 dizem que o conteúdo mais fácil de utilizar no cotidiano é o da reportagem sobre reuso de óleo.

Durante o grupo focal, eles também comentaram sobre reportagem realizada pelas emissoras *Record* e *TV Tem* na Horta da Vila Ema. O participante 3 disse que deveriam ter sido incluídas pelo menos outras quatro hortas e mostrar que, além deles, mais pessoas têm conseguido sobreviver com esse tipo de trabalho. Houve sugestão de que também os orgânicos fossem melhor explorados pela mídia, o que, na opinião de um dos participantes, contribuiria para desmistificar um pouco a ideia que se tem desse tipo de alimento. Ele comentou ainda que seria importante a mídia divulgar como funciona a logística dos produtos orgânicos. Nessa declaração percebe-se que é depositada confiança no formato televisivo: “(...) para alguns não tem aquela naturalidade de dizer que trabalha com orgânicos. Se mostrasse toda a origem, tudo que envolve para você ter um orgânico. A sociedade pensa que não vai veneno, mas não mostra o que foi feito para não ter veneno, a pessoa dá mais valor para o que tá comendo”.

Horta do Jardim Ciranda

Quando questionados qual reportagem do programa *Balanço Geral* destacariam entre as veiculadas, a sobre envenenamento de gatos foi a apontada. A participante 3, além de se mostrar inconformada com o ocorrido, também associou o fato a situações próximas a ela: “É uma judiação, não quer, não pega gato. Na casa da minha irmã tem 14 gatos, mas ela adora. (...) Aquele monte de gatinho, é gatinho cego, aleijado. Solta, vai, pega, trata, que bonito que é, gato enorme. Tem gatinho tudo cego, sem patinha, sabe, é incrível o que eles faz pros gato”.

A participante 4 também se posiciona sobre esse assunto e associa à sua realidade:

Eu não gosto, mas eu não judio do gato não. Não pego. Matar animal, pra quê? Ele não faz nada pra ninguém. Por que fazer isso, dar veneno? Na minha rua aqui também acontece isso. Tem um homem que dá veneno pros animais. Dá vontade de pegar ele e, em vez de dar o veneno pro animal, dar pra ele, não pros animais. Eles são inocentes.

Nesse trecho acima notamos que o apelo ao emotivo, recurso utilizado pelo programa de TV, também pode ter interferido na percepção da participante. E 3 novamente utiliza exemplos de seu cotidiano:

Ontem mesmo minha patroa estava falando pra gente, né? ‘Ai, mataram o Tubinho, envenenaram. A menina chorou muito’. (...) Daí eu falei pra ela: vai procurar a justiça, alguma coisa, né? Não pode ficar judiando do bichinho. Já é o segundo gato dela que matam. Da outra vizinha também já mataram uns par deles. Agora o marido dela falou: ‘se matar esses outros dois aqui pode esquecer porque a turma só pensa em matar os bichinhos, coitadinho, dá veneno’. É ser cruel, né? Tem que procurar uma lei pra isso.

Nessas duas falas anteriores, percebemos que a mediação da socialidade esteve presente quando participantes associaram a questão das mortes dos gatos a situações próximas a delas e que envolveram pessoas conhecidas.

A integrante 3 também destacou a reportagem sobre amianto, sendo que mais uma vez trouxe o assunto para a realidade dela. “Então, eu escutei fala que sabe aquele negócio lá é as telha tudo arruinada, que fica velha. A Eternit fica muito velha, ela fica contaminada por essa doença e transmite na gente, né? Passa. Que nem eu falo: na minha casa tá tudo velha. Vai ter que trocar. Tem que trocar”. Nesse caso consideramos que houve a mediação competência cultural, que compõe a classificação de Martín-Barbero e a individual cognitiva proposta por Orozco.

E 4, por sua vez, fala que havia assistido todas as reportagens: “É porque na minha casa nós somos viciados no *Balanço Geral*. Nesse horário, nossa!”. Já 1 revela preferir acompanhar televisão: “Eu assisto jornal 24 horas, entro dentro de casa, é televisão. Rádio é muito difícil”. Nesse momento, 4 comenta: “Rádio é só pra limpar a casa, né?”. Em seguida, 1 afirma: “E olha lá ainda!”. Nessas falas contata-se a mediação ritualidade, tendo em vista que o hábito de assistir ao programa é relatado pelos participantes.

Já 3 expõe opinião de sua patroa sobre programas televisivos como o apresentado. “Minha patroa fala pra não assistir que acaba ficando doente. Ela acha que não é muito bom. Muita reportagem que acontece isso, acontece aquilo, mexe com a mente, né? Nesse discurso, notamos a mediação denominada de institucionalidade. Ainda quando a trabalhadora comenta esse mesmo assunto percebemos as mediações tecnicidade e videotecnológica: “Mas se a gente não tá assistindo como que a gente vai sabe? Nós não temos que sabe tudo?”.

O assunto mais comentado no bloco de reportagens do *Tem Notícias 1ª edição* foi sobre animais que apareceram na cidade. A competência cultural pode ser notada quando os trabalhadores expõem o conhecimento deles para tentar explicar o motivo de esse fato acontecer: “Taca fogo o bicho sai do lugar dele. Por causa da enchente, muita chuva, ele sai do lugar dele e procura outro destino” (participante 1); “Um pouco a gente que faz isso. Aquele jacaré. Joga lixo, daí vai acumulando água” (participante 4); “tamanduá, não é da água, é do seco, mas é tudo problema, onde faz queimada” (participante 1). .

Quanto à reportagem do re-refino do óleo, 4 comenta: “Minha mãe faz sabão com óleo, então ela nem joga”. Nesse caso, se sobressai a ritualidade, mediação apresentada por Martín-Barbero. Ainda sobre esse assunto, 3 fala de uma outra forma de reaproveitamento dessa substância e no depoimento fica evidente a competência cultural

(...) Minha patroa mesmo dá pra mim fazer sabão. E meu marido troca o óleo sujo por um litro limpo. Leva um litro de óleo sujo ou dois, que seja, e traz um litro fechadinho, chique, né? Isso aí é chique. E aproveita pra bastante coisa, né? Não pode jogar no tanquinho, enche de bicho, barata. Isso daí infesta também, joga na pia... vem com cheiro daquele negócio do óleo, infesta, barata, essas coisas, né?

Sobre a compreensão das reportagens, 2, por exemplo, afirma que a das chuvas, na qual uma ponte caiu, ela achou compreensível. Em relação à aplicabilidade, eles consideraram que foi útil a reportagem sobre chuva e que abordou o descarte inadequado de lixo.

Horta do Asilo

Em relação ao programa *Balanço Geral*, a reportagem sobre raio que atingiu trabalhadores rurais foi comentada por dois dos participantes que, inclusive, associaram o assunto a fatos que já conheciam. O 1 disse: “O raio matou um colega meu na porta do barraco no Aeroporto (um bairro de Botucatu). Encostou na planta, o raio veio e matou na hora. No meio de uma fazenda o raio veio, pegou fogo na casa, conseguiram apagar e matou um senhor”.

E 2 destaca: “Onde eu tava lá caiu num rapaz matou na hora”. Em seguida, 1 continua: “Por isso que eu falo, isso daí, essa do raio é a natureza, né? A natureza não adianta você querer parar, não adianta”. Nesses depoimentos, observamos a mediação denominada por Martín-Barbero de competência cultural.

O participante 1 ainda fala sobre as enchentes. Para esse integrante do grupo esse problema ocorre por falta de conscientização das pessoas: “Elas são culpadas”. Os trabalhadores também comentaram que são contrários a maus tratos de animais como no caso de gatos envenenados e 1 destaca que não cria pássaros em gaiolas, não usa inseticidas na horta, que respeita a natureza e se surpreende com ela. Também menciona que uma espécie de pássaro tem ido à horta para se alimentar de uma planta que não é habitual ele ingerir e que isso é fruto do desequilíbrio ambiental, mas que ele deixa a ave à vontade. Aí se evidenciam as mediações, socialidade e competência cultural, presentes na classificação de Martín-Barbero, e cognitiva que integra o modelo de Orozco.

Em relação ao *Tem Notícias*, o participante 1 comenta sobre reportagem que abordou chuvas, diz conhecer o Rio do Peixe mostrado pela TV e tece o seguinte comentário: “As pessoas só pensam em dinheiro, por isso acontece isso daí”.

Já 3 explica que foi para Bofete, um dos municípios que apareceu na reportagem. Segundo ele, “muitas chácaras que existem naquela região não respeitam a

natureza”. Ele ainda diz se preocupar com o futuro. “Eu não penso em mim, penso na minha filha que tem 12 anos”.

O 2 destaca o assunto de reaproveitamento de óleo e associa a experiência que já teve: “Eu já participei de campanhas de reciclagem do óleo, trabalhei numa cooperativa de reciclagem”. Ele acrescenta também que não há organização na arrecadação do óleo. Esse participante afirma ter visto pessoalmente o jacaré apresentado em uma das reportagens. E 3 fala sobre a vinda de animais para a zona urbana: “Eles vêm para a cidade porque encontram um lugar melhor para ficar, já que seu habitat natural foi destruído”.

Sobre o entendimento, os participantes disseram ter compreendido o que foi apresentado, e que, conforme, iam sendo exibidas as reportagens, eles se recordavam do que já haviam assistido.

Quanto à aplicabilidade das reportagens, 1 disse: “Dá para aplicar, mas não pode depender dos políticos”. Para 2, a responsabilidade é de cada pessoa e 1 continua a criticar a classe política: “Promete muito, mas os políticos não fazem nada”. Nesse discurso, percebemos a mediação institucionalidade, que também pode ser atribuída nessa declaração do participante 1: “As pessoas só pensam em dinheiro, por isso acontece isso daí”.

Já as mediações tecnicidade, exposta por Martín-Barbero, e videotecnológica que compõe o modelo de Orozco, são demonstradas quando o integrante 1 defende que “as coisas devem ser apresentadas do jeito que são. Pode ser que alguém mude seu modo de pensar se assistir as reportagens”.

Considerações finais

Constatamos que, na realização de estudos de recepção, realmente é importante utilizar um modelo multimetodológico para que se consiga obter resultados mais amplos e se possa compreender melhor a dinâmica do grupo e a produção de sentido dos integrantes em relação às mensagens dos programas televisivos que acompanharam. De maneira geral, foi possível perceber empatia por reportagens que mostraram assuntos como animais, reaproveitamento do óleo e enchentes.

Diversas vezes, as mediações, ficaram evidentes nas interpretações das mensagens. Houve, por exemplo, associação das reportagens a situações vivenciadas

pelos participantes em seus bairros como quando se referiram ao descarte de lixo. No caso do re-refino de óleo, apesar de não ser citada a utilização do produto para confecção de sabão, vários deles fizeram ligação com essa finalidade que é o conhecimento que já possuíam sobre o tema. Nota-se uma negociação de sentido por parte dos participantes com o intuito de trazerem os temas para a realidade deles.

Quando os participantes concordam com os discursos presentes nas reportagens, eles acabam reproduzindo ou incorporando os mesmos em seus comentários, porém, caso tenham um posicionamento que difere do que foi apresentado, também manifestam os seus pontos de vista.

Vale destacar ainda que as regras jornalísticas enfatizam a objetividade, no entanto é cada vez mais comum apresentadores emitirem opiniões sobre conteúdos apresentados. No caso do *Balanço Geral*, essa característica é bem marcante e parece ter influenciado em alguns momentos. A fala de um dos entrevistados, no caso o responsável pela Defesa Civil do município de Jaú atribuindo o problema das enchentes ao descarte inadequado de lixo, por exemplo, teve impacto nas discussões dos participantes. Também foi possível identificar que assuntos de maior interesse dos telespectadores tiveram influências em suas atenções.

Assim, percebemos que a maioria desses receptores não recebeu diversos conteúdos de maneira totalmente acrítica, e que, quando são estimulados a refletir sobre um produto midiático, geralmente opinam e indicam elementos que poderiam tornar mais claras determinadas reportagens ou de maior aplicação no cotidiano deles.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSTA, M. E. B. Grupo focal. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (org.). Métodos e técnicas da pesquisa em Comunicação. São Paulo: Editora Atlas, 2005.

GATTI, B. Grupo Focal na Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Série Pesquisa em Educação, v. 10. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

JACKS, N; ESCOSTEGUY, A. C. Comunicação e Recepção. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

LOPES, L. C. Hermenêutica, teorias da representação e da argumentação no campo da Comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata Vassallo (org.). Epistemologia da Comunicação. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p.162 - 185.

LOPES, M. I. V. Mediações na recepção: um estudo brasileiro dentro das tendências internacionais. Disponível em: <<http://www.eca.usp.br/alaic/Congresso1999/17gt/Immacolata.doc>>. Acesso em ago. 2007.

MARTIN-BARBERO, J. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. 2ª ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

OROZCO, G. Televisión y audiencias: enfoque cualitativo. Madrid: Ediciones de La Terra, 1996

BARROS, Antonio (org.). Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação. São Paulo: Atlas, 2005. p. 63-64

THIOLLENT, M. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, C. R. Repensando a pesquisa-participante. São Paulo: Brasiliense, 1987.